

## REPRESENTAÇÕES DO TRAUMA NAS NARRATIVAS SOBRE O ABORTO

Isadora de Araújo Pontes (UFF)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma análise das narrativas autobiográfica *L'événement* [O acontecimento] (2000), de Annie Ernaux e *Dix-sept ans* [Dezessete anos] de Colombe Schneck, que narram os abortos realizados pelas autoras-narradoras. Trata-se de obras sobre experiências transgressoras e traumáticas, um momento de iniciação e ruptura, apresentando, também, um olhar melancólico, observado a partir da incorporação da perda. Assim, pretendo aqui traçar como se dá a transmissão dessa experiência por cada autora, considerando sua dimensão traumática, mas, também política, pois colocam em cena o poder de agir do indivíduo.

**Palavras-chave:** Annie Ernaux; Colombe Schneck; Aborto; Trauma; Melancolia

Narrar o próprio aborto significa tornar pública uma experiência íntima e violenta que mesmo quando não uma infração legal, representa um desvio em relação a conduta dominante. O controle dos corpos das mulheres faz com que suas experiências no mundo sejam marcadas por traumas e interditos, considerando-se que a autonomia para dispor de seu próprio corpo é um direito recente em alguns países ou ainda distante em outros. No caso do aborto, além da condenação moral e/ou jurídica, trata-se de uma experiência que levanta para as mulheres questões em relação ao próprio corpo, à capacidade de carregar uma vida, à maternidade, à vergonha, à violência da hipocrisia social e à culpa. Apesar de se saber que a prática é recorrente na história das mulheres, a temática permanece sob as sombras do tabu, que fazem com que mesmo aquelas que realizaram procedimentos legais, como a IVG na França, permaneçam em silêncio. Podemos, no entanto, observar que a literatura de autoria feminina vem abordando temáticas como essa, outrora ausentes da produção literária ou narradas por um ponto de vista alheio. Essas produções nos permitem pensar a relação da mulher na contemporaneidade com assuntos silenciados por não corresponderem à vivência masculina, que se apresenta sob a roupagem do “universal”.

As duas obras referenciais de autoras francesas, *L'événement* [O acontecimento] (2000) de Annie Ernaux e *Dix-sept ans* [Dezessete anos] (2015) de Colombe Schneck, a serem abordadas neste trabalho, têm o comum a quebra do silêncio e a narrativa dos abortos praticados pelas autoras na juventude, a despeito das condenações morais que tais escritas possam causar. É possível observar nessas obras dois tipos de transgressão, uma

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UFJF), Mestra em Estudos Literários (UFJF), Doutoranda em Literatura Comparada (UFF) Contato: pontes.isadora@yahoo.com



enquanto subversão do discurso da norma, utilizando-se do espaço da literatura para dar visibilidade a uma experiência que, mesmo que compartilhada por muitas mulheres, sempre permaneceu em segredo ou foi narrada de forma anônima, e outra voltada para o íntimo, uma transgressão dos limites psíquicos do sujeito que atravessa a experiência traumática e depois volta a ela para recriá-la narrativamente.

A partir dos estudos de Freud, a noção de trauma passou a designar um ferimento sofrido não só pelo corpo, mas pelo espírito e, mesmo, pela alma. Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis definem o trauma enquanto “acontecimento da vida do sujeito que se define por sua intensidade, a incapacidade na qual o sujeito se encontra de responder adequadamente, a confusão e os efeitos duráveis que ele provoca no organismo psíquico. (LAPLANCHE, PONTALIS, 1998, p. 115)<sup>2</sup>. Cathy Caruth (1996), por sua vez, chama atenção para a temporalidade inerente a ele, bem como a sua natureza repetitiva.

A representação do trauma se tornou assunto de diferentes narrativas, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, com obras dos sobreviventes da Shoah. A escrita do trauma se manifesta como uma urgência da qual nasce a necessidade de transmitir a história ao outro, num processo terapêutico de repetição pois, como afirma Shoshana Felman dizer “implica uma confirmação da hegemonia da realidade e uma re-externalização do mal que afetou e contaminou a vítima do trauma” (FELMAN, 1992, p. 69). A narrativa do trauma é, no entanto, paradoxal por ser ao mesmo tempo necessária ao sujeito que dele precisa se desvencilhar e impossível, pois, como postula Anne Martine Parent (2006), ele é precisamente aquilo que não se deixa apreender. Para Barbara Havercroft, nos últimos vinte anos vêm surgindo na França muitos escritos consagrados a escrita de experiências traumáticas que evocam a abjeção, o sofrimento e o insuportável, sobretudo nos textos de autoria feminina. Dentro da escrita das mulheres, segundo ela, tais narrativas possuem igualmente uma dimensão ética pois oferecem “a possibilidade de mudar o status, de se transformar de objeto da violência e da lembrança traumática em sujeito e mesmo em agente” (HAVERCROFT, 2012, p. 21)<sup>3</sup>. Assim, partindo desses aspectos, a análise dessas narrativas procurará situar como a comunicação da experiência pode agir enquanto uma espécie de expiação e de metabolização do trauma, marcada pela tomada da palavra pelas as mulheres, afirmando seu poder de agir na construção da

---

<sup>2</sup> Todas as traduções aqui citadas são de minha responsabilidade.



própria subjetividade e traçando também uma história alternativa das mulheres, que narra aquilo que permanece velado dentro do discurso dominante.

Apesar de a distância de apenas quinze anos entre as publicações, as experiências narradas possuem particularidades que parecem agir diretamente na forma como as autoras-narradoras vivenciaram o aborto, sendo a principal delas o fato de Ernaux narrar um procedimento clandestino, enquanto Schneck teve acesso à IVG. Annie Ernaux é uma de grande prestígio, filha de ex-operários que se tornaram proprietários de um café-épicerie na Normandia, onde a autora cresceu. A partir de *La Place*, obra que trata de sua origem social e da relação com o pai, seus textos se tornaram exclusivamente autobiográficos, tendo por assunto fragmentos de sua vida e sua visão do outro, pois também escreve a partir de suas observações em lugares públicos, como o RER e o supermercado. Como Annie Ernaux nasceu num meio dominado social e intelectualmente e ascendeu à classe *dominante*, através do processo de aculturação, ela pode ser considerada, para a sociologia, uma “trânsfuga de classe”, termo que diz respeito aos indivíduos que romperam com sua classe social de origem adentrando em outro meio.

Em *L'événement*, Ernaux conta seu aborto realizado antes da lei Veil de 1975 que legalizou o procedimento na França. Quando se descobriu grávida, em outubro de 1963, aos vinte e três anos, era estudante da Universidade de Rouen, de modo que estava em pleno processo de ascensão social, inserindo-se no meio burguês e intelectualizado. Após uma busca às cegas por um meio de abortar, acaba por conseguir o contato de uma “fazedora de anjos” em Paris, a um preço relativamente acessível. As condições do aborto são detalhadamente narradas, o que nos permite observar a precariedade na qual vive a experiência, realizada através da introdução de uma sonda em seu ventre, desencadeando uma série de complicações que a levaram à internação.

No hospital, a autora-narradora é submetida a uma dupla violência, pois além de seu estado ser a prova do crime que cometera – ou seja, a evidência de que se rebelou contra o controle imposto a seu corpo de mulher – é também associada ao mundo dos dominados pelos médicos. O cirurgião pensa se tratar de “uma operária têxtil ou de uma vendedora do Monoprix” (ERNAUX, 2011, p. 312), agindo com desprezo também por sua classe inferior, como no momento da curetagem, quando se dirige a ela aos gritos, o que a autora explica em seguida compreender como um símbolo da hierarquização da sociedade:

(“Eu não sou o encanador!” Essa frase, como todas aquelas que marcam esse acontecimento, frases muito ordinárias, proferidas



por pessoas que as diziam sem refletir, ainda repercute em mim. Nem a repetição, nem um comentário sociopolítico podem atenuar a violência: eu não “o esperava”. De modo fugaz, creio ver um homem de branco, com as luvas de borracha, que me enche de pancada gritando “eu não sou o encanador!”. E essa frase, inspirada talvez por um sketch de Fernand Raynaud que fazia a França inteira rir, continua a hierarquizar o mundo em mim, a separar, a golpes de cassetete, os médicos dos operários e das mulheres que abortam, os dominantes dos dominados.) (ERNAUX, 2011, p. 311)

Todo o processo que envolve o aborto em *L'événement* simboliza para a autora-narradora uma sobreposição das diferentes experiências de dominação, destacando como a sua origem social influenciou nas violências sociais, psicológicas e físicas sofridas durante o processo:

Eu estabelecia de forma confusa uma ligação entre minha classe social de origem e o que me acontecia. Primeira a fazer um curso superior numa família de origem operária e de pequenos comerciantes, eu escapara da fábrica e do balcão. Mas nem o “bac”, nem a graduação em letras puderam mudar a fatalidade da transmissão de uma pobreza cuja jovem grávida era, da mesma forma que o alcoólatra, o emblema. O sexo me fez voltar à minha origem esquecida e o que crescia em mim era, de certa maneira, o fracasso social. (ERNAUX, 2011, p. 280)

Segundo o psicanalista George Gaillard, a experiência traumática vivida no início da idade adulta funciona como uma espécie de ritual que leva o Eu à separação de sua origem, como uma nova ruptura do cordão umbilical que o afasta da psique maternal, inserindo-o em um novo papel social. Quando a experiência é vivida em solidão, ela se dá sob o modo da autofundação, uma iniciação que promove um remanejamento identitário. A solidão e a recusa de nomear seu estado, como podemos ver na narrativa quando se nega a utilizar palavras como “grávida” ou mesmo a nomear o feto, referindo-se a ele como “aquela coisa” ou “aquilo”, parece ser uma tentativa de manter a experiência fora de uma cadeia significativa, o que confere o *status* de indizível atribuído também pela autora, que enquanto escreve o texto narra os desafios da escrita dessa experiência.

Como na obra Ernaux não omite mesmo os detalhes mais brutais, narrando até mesmo o momento exato da expulsão do feto, Gaillard considera sua escrita funciona como uma forma de imposição ao outro da violência a qual foi submetida, uma transferência que permite que o Eu lide com o trauma, metabolizando-o através de sua transmissão. Ernaux busca narrar a experiência nas suas diferentes dimensões, destacando



como ela representou a imbricação das violências e preconceitos, pois considera o estigma de sua classe social como um fator, em certa medida, determinante para a gravidez indesejada antes do casamento numa França ainda muito conservadora, levando-a ao aborto clandestino que a deixa em um estado entre a vida e a morte. O modo como vive a experiência, a solidão, o medo e os sofrimentos atravessados, bem como o momento, o início da idade adulta, contribuem para que adquira um caráter iniciático e quase sagrado para ela. Ainda segundo o psicanalista:

São as situações traumáticas que ejetam o Eu de suas marcas identificatórias. Trata-se então de verdadeiras situações-cruzamentos. O que contribui para fazer do “acontecimento” um verdadeiro trauma é a sobre-saturação significativa que ele desencadeia para o Eu. A autora testemunha como nessa experiência vêm se precipitar o conjunto de suas marcas identificatórias anteriores. Ela convoca especialmente em seu propósito a incerteza na qual se encontrava então, relativa àquilo que nomeia sua “classe social”. (GAILLARD, 2006, p. 79)

Sobre a representação do trauma na obra, faz-se importante lembrar igualmente que o aborto fora escrito anteriormente pela autora de modo ficcional em *Les Armoires Vides*, assim a escrita de *L'événement* pode ser pensada como uma reescrita dessa experiência traumática.

A reescrita das experiências dolorosas é constante nas obras de Ernaux, além das duas já mencionadas, podemos observar os pares *Une femme/Je ne suis pas sortie de ma nuit* e *Passion simple/Se perdre*, que abordam respectivamente o Alzheimer da mãe e a ruptura com um amante, ou mesmo *La place/La honte* que tratam da relação da autora com seu meio de origem e com seus pais. O aborto, ao lado da origem social, além de ter figurado desde a estreia da autora em 1974, parece ser uma espécie de obsessão, aparecendo diversas vezes em suas obras (além das duas em que está no centro da narrativa, é evocado também em *Passion Simple*, *Je ne suis pas sortie de ma nuit* e em sua publicação mais recente *Mémoire de Fille*). O trauma, então, não é apenas escrito, mas constantemente reescrito, no que parece uma busca infundável pela transmissão e assimilação vivido, retrabalhando as zonas ainda inexploradas do passado. Considero possível, desse modo, pensar a escrita de Ernaux como uma tentativa de compreensão das experiências traumáticas, como a própria autora afirma em *La honte*: “Talvez a narrativa,



toda narrativa, torne normal qualquer ato, mesmo o mais dramático” (ERNAUX, 2011, p. 214).

A narrativa de Colombe Schneck, *Dix-sept ans*, também trata do aborto, porém, por ter sido realizado em 1984, não representou uma contravenção da lei. Ela teve uma juventude confortável podendo exercer livremente sua sexualidade e dormir com o namorado sob o teto dos pais. Toda essa tranquilidade presente no início da narrativa é quebrada quando descobre a gravidez, aos dezessete anos, como já indica o título da obra, nas vésperas de prestar o *bac*. Devido a sua posição social, é possível perceber que não é apenas a diferença no tempo ou a legalização que interferem no modo como as mulheres vivenciam essa experiência, pois ser filha de médicos e estudar numa escola famosa por receber a elite descontraída francesa são fatores que agem diretamente no modo como se dá o processo de decisão e do procedimento em si. O aborto acontece em uma clínica, legal e segura, não sendo acompanhado pela autora-narradora devido à anestesia.

O primeiro livro de Colombe Schneck, *L'incroyable Monsieur Schneck* [O indestrutível Senhor Schneck] (2006), parte de um *fait-divers* sobre seu avô, que descobre ter sido assassinado. A autora, diferentemente de Annie Ernaux a partir de *La place* [O lugar] (1983), não escreve apenas autobiografias ou livros referenciais, contudo a filiação é recorrentemente tematizada por Schneck, a exemplo de *La réparation* [A restituição] (2012), obra na qual trata da história de parte de sua família desaparecida em Auschwitz.

*Dix-sept ans* se inicia por uma referência à entrevista de Annie Ernaux ao jornal *L'humanité*, na qual, como destaca Schneck, Ernaux fala da solidão das mulheres que abortam. Schneck parte, como pode ser observado, da história de Ernaux:

Essa solidão foi vivida por ela em 1964. Tinha vinte e três anos. Na época, abortar era um crime punido pela lei. Diz ter procurado nas bibliotecas obras nas quais a heroína queria abortar. Ela esperava descobrir uma voz amiga na literatura, nada encontrara. Nos romances, a heroína estava grávida e em seguida não estava mais, a passagem entre os dois estados permanecia sempre elipsada. A etiqueta “Aborto” da biblioteca identificava apenas revistas científicas ou jurídicas, tratando do assunto pelo ângulo da criminalidade. (SCHNECK, 2015, p. 13-14)

No trecho, Schneck faz referência à quando, em *L'événement*, a autora-narradora buscava um modo de abortar clandestinamente e procurou primeiro na literatura por obras que



abordassem esse drama, como um modo de encontrar uma identificação e uma solução, mas se deparou somente com o silêncio sobre o assunto.

Apesar de atualmente o aborto não mais ser criminalizado na França, “ele continua à margem da literatura” (SCHNECK, 2015, p. 14). Ainda sobre *L'événement*, Schneck chama a atenção para as reações negativas ao livro, considerado até mesmo nauseante por um jornalista, como afirma: “O aborto não é um assunto bonito para a literatura. É uma guerra que se atravessa, entre a vida e a morte, a humilhação, a vergonha e o remorso. Não, não é um assunto bonito.” (SCHNECK, 2015, p. 14). A partir da narrativa de Ernaux, Schneck introduz o assunto de sua própria obra, sem, no entanto, deixar de demarcar as diferenças entre as experiências.

Ernaux atribui ao aborto o caráter de “uma experiência humana total, da vida e da morte, do tempo, da moral e do interdito, da lei, uma experiência vivida de um extremo a outro através do corpo” (ERNAUX, 2011, p. 318-319). Tal definição exprime os limites ultrapassados durante o procedimento, com a qual a afirmação de Schneck parece dialogar, ao também dizer que se trata de algo “entre a vida e a morte” que permanece velado por não ser um “assunto bonito”. A narrativa de Ernaux representa para a autora uma forma de agir no mundo e garantir que outras mulheres não tenham mais de passar pelo trauma que é um aborto vivido clandestinamente, como declara ao final de *L'événement*:

Apaguei a única culpa que jamais senti a respeito desse acontecimento, que ele tenha acontecido a mim e eu nada feito dele. Como um dom recebido e desperdiçado. Pois para além de todas as razões sociais e psicológicas que pude encontrar naquilo que vivi, existe uma da qual estou mais certa que tudo: as coisas me aconteceram para eu relatá-las. E o verdadeiro objetivo de minha vida é talvez apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo de inteligível e de geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros. (ERNAUX, 2011, p. 319).

A culpa evocada no texto é voltada para sua comunicação, ao interdito de sua representação que Ernaux busca ultrapassar ao escrever *L'événement* e não a culpa do ato em si do aborto.

Também como uma forma de quebrar o silêncio que marca a solidão das mulheres que abortam e de garantir que o direito a um procedimento seguro jamais seja novamente negado, Colombe Schneck escreve sua narrativa: “Eu ouvi Annie Ernaux. Isso que ela



diz sobre o silêncio a incomodar, quando “nada está ganho para as mulheres” e que no entanto “as moças não se mobilizam o suficiente.”(SCHNECK, 2015, p. 14). Assim como Ernaux, que afirma sentir ser necessário fazer alguma coisa com a experiência, Schneck decide igualmente socializar sua experiência anunciando sua motivação também política para a escrita.

Schneck não aborda a decisão pela IVG sob o ponto de vista da culpa, no entanto, conforme a narrativa avança e a moça de dezessete anos retoma sua vida “normal” de antes da gravidez indesejada, não só o aborto mas aquele que ela chama de “o ausente” aparece como um fantasma que acompanha a autora-narradora. Ernaux no momento da narrativa posterior ao aborto e nos outros textos em que evoca acontecimento fala do lugar onde a “fazedora de anjos” introduzia as sondas, a Passage Cardinet, e da violência e amplitude da experiência para ela, nunca referindo-se ao feto como um filho. Schneck, em contrapartida, identifica seu estado então recorrentemente através da palavra “grávida” e mesmo depois do aborto continua a pensar no feto como um filho não nascido, ao qual atribui uma forma de presença ausente: “Mas durante todo esse tempo, eu pensarei nele, nesse filho que não tive e que não tem nome”. Assim, a narrativa de *Dix-sept ans* parece manifestar uma incorporação melancólica em relação a gravidez interrompida.

Na obra de Ernaux, não apenas a decisão pelo aborto compõe o trauma vivido, focando-se sobretudo na dificuldade de se encontrar um meio para abortar, na associação de seu estado à sua classe de origem, em toda a violência vivida durante os dias em que aguarda a sonda cumprir seu papel, o momento em que expelle o feto e a experiência de ter de passar pela curetagem após um procedimento clandestino. Seu processo traumático pode ser associado a ruptura e separação do cordão umbilical – entre ela e o feto e entre ela e a mãe – que agem como uma iniciação do Eu na idade adulta. Em *Dix-sept ans*, diferentemente, o ato cirúrgico de abortar não se apresenta como um trauma, é a descoberta da gravidez e o depois que levam ao reconhecimento de sua diferenciação dos outros corpos e à consciência das consequências de suas ações e culminam em um processo traumático, ainda que seu desenvolvimento seja principalmente psíquico.

Curiosamente, em *L'événement* parece que toda a violência experienciada sobrepõe a ideia do feto abortado como um “filho não nascido”, enquanto em Schneck essa parece ser a grande questão. Proponho, assim, um olhar para a narrativa de *Dix-sept ans* sobre o ponto de vista melancólico nela expresso. Freud compreende a melancolia



como o inverso patológico de um processo de luto. O sujeito melancólico em sua recusa de aceitar a perda, segundo Araham e Torok, incorpora o objeto perdido buscando conservá-lo. Esse processo de incorporação se daria como uma tentativa de recomposição do objeto perdido, que se torna uma cripta ao próprio eu:

Uma recomposição quase física – ou corpórea, na qual o eu deve caminhar como se doravante carregasse um morto nas costas –, o seu morto que, paradoxalmente, estaria a salvo da morte precisamente aí onde há uma justaposição entre o eu-morto e o seu morto. (ENDO, 2013, p. 45)

Contudo, não é o objeto em si que é conservado, mas a sua perda que, ainda que recusada, não é completamente abolida. O sujeito, então, busca manter-se preso ao objeto, que é como um fantasma que se instala no ego, um objeto que não pode ser revelado pois também sua ausência o seria, estabelecendo uma relação pelo interdito e pelo inacessível. A partir dessas considerações, o trauma vivido por Schneck parece desencadear a incorporação fantasiosa do objeto perdido:

Mas isso retorna. Sem me avisar, você bate à porta. Não quero escutar. Não me sinto culpada, só um pouco triste. Nós crescemos juntos. Você parece se afastar de mim. Não te apresentarei seu irmão mais novo. Um bebê perfeito, que quase nunca chora, ri o tempo todo, tem os olhos azuis. Minha mãe, sua avó, chama-o “meu amorzinho” enquanto para você, ela nunca teve um apelido. Ela nunca evocou você, nem uma vez sequer. Para ela, você nunca existiu. Além do mais, você não tem nome. Eu nunca busquei um. (...)  
Sua avó morreu também. Ninguém te avisa. Imagino que você fica triste de não tê-la conhecido, triste para mim. Você é o único que intuiu meu desespero, minha solidão, o único que vê o bravo soldado sorridente que sou, escondendo tão bem suas fissuras. E você, você é um morto a mais ou um morto a menos? Não, você não é um morto a mais. Você é o ausente. (SCHNECK, 2015, p. 88-89)

Na narrativa, ela conversa com o filho não nascido, personificando o feto e oferecendo-lhe um futuro no passado em que ficou preso e do qual ela também não parece ter se desligado imediatamente. Ela identifica-o à falta, referindo-se repetidamente a ele como o ausente, aquele que não está lá mas com quem fala, que ao mesmo tempo que a acompanha opera o movimento constante de retorno, o que sugere que a interrupção da gestação simboliza também o nascimento e a incorporação dessa ausência.

A experiência traumática é vista por Schneck, igualmente, como uma forma de iniciação, atribuindo, como Ernaux, um status de provação e sacrifício ao acontecimento.



Schneck encerra a narrativa se dirigindo mais uma vez ao filho não nascido, esse que ela chama de “bebê do inverno”: “Sua ausência me permitiu ser a mulher livre que sou hoje” (SCHNECK, 2015, p. 91). Tal frase parece indicar uma aceitação do acontecimento e mesmo da ausência, após ter enfrentando a vergonha e o indizível do trauma, buscando transportar para a linguagem o que simbolizou para ele o aborto e o sentimento de perda desencadeado.

Segundo Cathy Caruth (1995), ser traumatizado é também ser possuído por uma imagem ou acontecimento. A representação do trauma é, portanto, essa necessidade impossível de representação, pois o sujeito precisa se submergir na experiência traumática para que possa dela sair completamente, por ajudar a vítima a exercer um maior controle sobre suas lembranças e a reestabelecer sua ligação com a humanidade. Nessas duas narrativas, apesar de os processos traumáticos representados se unirem no que tange ao aborto, a representação da experiência e a imersão nela indicam as diferenças das vivências. Ernaux, como vimos, parece buscar um texto capaz de mergulhar o leitor na violência vivida, compartilhando em detalhes a brutalidade da experiência e quase obsessivamente voltando, em outras obras, ao momento e lugar que marcaram para ela a violência. O aborto narrado por Schneck, por sua vez, não foi “o resultado de horas cruéis, de maus-tratos, de sangue, de medo, de humilhação, de desprezo” (SCHNECK, 2015, p. 90), mas tampouco foi uma experiência banal ou confortável, atingindo, ainda que ao seu modo, também o status de “experiência humana total”. Ela não manifesta culpa em relação a sua escolha e declara desde o início da narrativa escrever para que o direito a um aborto seguro nunca seja ameaçado, porém seu texto permite que mesmo aqueles que nunca vivenciarão isso voltem o olhar para como, ainda assim, se trata de uma experiência inesquecível que destaca a relação da mulher com a maternidade justamente a partir de seu fracasso voluntário.

A narratização dessas experiências que resistem à representação parecem agir de modo a transformar a relação com o vivido, neutralizando-o. A escrita permite, então, que as autoras voltem às violências, físicas ou psíquicas, vividas para torna-las comunicáveis, num movimento de reconfiguração que gera um deslocamento do papel apenas de vítima, tornando-se também agentes de sua própria história e formação. A análise cruzada das duas obras leva a pensar, igualmente, o que resta após a legalização do aborto, ao operarem uma quebra do não-dito e socializarem essas vivências silenciadas, o que parece

funcionar como uma expiação não apenas individual, mas dessa ferida compartilhada por diferentes mulheres.

### Referências bibliográficas

ABRAHAM, Nicolas e TOROK, Maria, Mourning or Melancholia: introjection versus incorporation. In: \_\_\_\_\_. *The Shell and The Kernel: Renewals and Psychoanalysis*. Trad. Nicholas T. Rand. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 1998.

CARUTH, Cathy, *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*, Baltimore e Londres : The Johns Hopkins University Press, 1996.

ENDO, Paulo. “Pensamento como margem, lacuna e falta: memória, trauma, luto e esquecimento”. *Revista USP*, São Paulo, n 98, p. 41-50, Junho/Julho/Agosto 2013.

ERNAUX, Annie. *Écrire la vie*. Paris: Gallimard, 2011.

FELMAN, Shoshana, « Education and Crisis : Or the Vicissitudes of Teaching », dans *Testimony: Crises of Witnessing in Literature, Psychoanalysis, and History*, dirigé par Shoshana Felman et Dori Laub, New York et Londres, Routledge, 1992, p. 1-56.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

GAILLARD, Georges, « Traumatisme, solitude et auto-engendrement. Annie Ernaux: *L'événement* », em *Filigrane*, vol. 15, no 1 (printemps 2006), p. 67-86.

HAVERCROFT, Brabara. Questions éthiques dans la littérature de l'extrême contemporain : les formes discursives du trauma personnel, *Cahier du CERACC Université de Toronto*, n. 5, p. 20-34, 2012.

LEDOUX-BEAUGRAND, Evelyne. *Imaginaires de la filiation*: Héritage, 2013.

MONTÉMONT, Véronique. Avorter: scandale. In: FORT, Pierre-Louis e HOUDART-MEROT, Violaine. *Annie Ernaux: Un engagement d'écriture*. Paris : Presses Sorbone Nouvelle, 2015, p. 27-37.



NAUROY, Amaury. Éditorial. *Tra-jectoires n°3*. Dossier Annie Eranux/Alber Memmie, 2006, p. 11-20.

PARENT, Anne-Martine, *Paroles spectrales, lectures hantées. Médiation et transmission dans le témoignage concentrationnaire*, thèse de doctorat, Montréal, Université du Québec à Montréal, agosto 2006.

SCHNECK, Colombe. *L'incroyable monsieur Schneck*. Paris: Point, 2007.

\_\_\_\_\_. *La réparation*. Paris: Grasset, 2012.

\_\_\_\_\_. *Dix-sept ans*. Paris: Grasset, 2015.